

TRIBUNA Livre

25
MARÇO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

A nossa Misericórdia vai ter uma Comissão Administrativa

Adiadas as eleições que deveriam realizar-se na quinta feira finda, foi designada uma Comissão Administrativa para dirigir a Instituição.

A tal atitude conduziu o comportamento de quem alheio aos interesses do organismo buscou ligações e compromissos com elementos que viriam a tomar-lhe o comando, ao mesmo tempo que se usavam os meios mais condenáveis de agitação, mormente o recurso aos panfletos e ás cartas anónimas, difamantes e contundentes, vulgares no meio, o que causou a maior repulsa e indignação entre as pessoas de bem.

Tal sistema, aprendido na última campanha eleitoral, foi agora usado pelos mes-

mos em defesa de quem se lhes encostou num desespero abdicante de princípios que causa tristeza. Só lhes faltou o escrito simulante para alegar que tal sistema também é usado por outros, como com o maior êxito foi feito recentemente.

Sem dúvida que o que acaba de passar-se representa lição muito vantajosa para os bem intencionados que viram agora melhor quantas mudanças são possíveis ao camaleão quando a simulação lhe interessa. Terão também compreendido como quase ninguém pensa na grandeza das Instituições mas não falta quem nelas queira pontificar para fazer medrar a sua ambição de ser, mesmo que essa ambição tenha já causado os males e apontado a maior inércia.

Éramos partidários da eleição. Quando entramos no gabinete do Magistrado que tentou a lista única, onde estavam elementos contrários, foi-nos dito que estava acente o adiamento e a composição de uma Comissão Administrativa, ao que aqueles logo deram a sua concordância, embora viessem dizer aos apaniguados o contrário. A nossa concordância só mais tarde foi dada. Terminamos por compreender que o Chefe do Distrito tinha ra-

zão. É que os elementos do outro lado, embora confessadamente nacionalistas, estavam confessadamente na mão de elementos perniciosos que mandavam deliberadamente.

A Comissão Administrativa vai ser assim constituída: Presidente—D. Miguel Sotomayor.

Vogais: Dr. Eduardo Gonçalves, Padre Albino José Fernandes Alves, João Bar-

Continua na 5.ª página

Sofrimento moral

Quando o homem se sente desmoralizado porque fora atingido de calúnia ou ataque da parte de outrem, doloroso se torna o não desabafo, para poupar ao amesquinamento o prevaricador. Mais doloroso ainda, quando os próprios amigos e, até mesmo pessoas de família, porque o ofensor é criatura de destaque, social ou hierárquico, reconhecendo por provas convincentes e verificadas, não querem compreender, ou mesmo querem intitular de incoerente o ofendido.

Triste verdade, esta a que assistimos quase quotidianamente, porque a Doutrina do

Mestre dos Filósofos, Jesus Cristo, é compreendida erroneamente por vezes, e com reservas cem por cento condenáveis pelo mesmo Mestre.

É nos momentos difíceis que o homem deve ser acarinhado, melhor, auxiliado, mas nem sempre esse auxílio, mesmo quando justo e necessário, surge nestes momentos de infortúnio, causado pelo «maior inimigo do homem», o próprio homem, a um terceiro Homem!

Crassa ignorância da Humanidade, falta de princípios, e desconhecimento pleno da Doutrina do Mestre.

O homem só é exaltado quando a felicidade o conduz à glória mundana, para ser escarnecido quando sofre, quando falha, porque, depois de ofendido, chega a falhar!

Triste paradoxo este, que só fere apenas quem tem coração, e coração sensível, porque humano.

Se é certo que a Caridade é um dos maiores sentimentos humanos, certo é também que o homem atacado pela fera humana e sem o apoio a que tem jus adentro das Leis

Continua na 4.ª página

Banco de Fomento

Inaugurado há pouco mais de um ano — e o facto ficou assinalado com um dos mais importantes acontecimentos da vida portuguesa dos últimos tempos, no sector económico — o Banco de Fomento Nacional tem sido uma actividade merecedora de ser evidenciada pela importante missão que vem desempenhando em prol do desenvolvimento do País. Sociedade anónima de maior capital até hoje constituída em Portugal (um milhão de contos, no qual têm posição de destaque as províncias de Angola e de Moçambique) aquele estabelecimento bancário tem por objectivos fundamentais o financiamento de empreendimentos e a orientação dos investimentos do sector privado, tanto na Metrópole, como no Ultramar, e as principais operações que lhe foram confiadas, além de outras previstas nos estatutos, são: a concessão de crédito industrial, agrícola e pecuário

na Metrópole e no Ultramar; a participação no capital de empresas constituídas ou a constituir; a subscrição ou compra de obrigações emitidas por empresas privadas; a concessão de crédito predial nas províncias ultramarinas; e a prestação de garantias ou caucções

Continua na 5.ª página

COMPARTICIPAÇÕES PARA O CONCELHO

No ano corrente, embora ainda no início, foram já dadas as seguintes participações para o nosso Concelho:

| | |
|-------------------------------------|--------------------|
| Câmara: Melhoramentos rurais | 14.000\$00 |
| Electricidade | 116.000\$00 |
| Bombeiros Voluntários | 15.000\$00 |
| Monumento a Sá de Miranda (reforço) | 12.000\$00 |
| Comissão Municipal de Assistência | 9.000\$00 |
| Sopa dos Pobres | 7.000\$00 |
| Misericórdia | 7.000\$00 |
| Total | 180.000\$00 |

Estamos certos de que em breve esta quantia subirá substancialmente a comprovar uma época de esforço e de recuperação.

ROMANCE OU NOVELA?

Continuação do número anterior.

Alguns tomavam a sério as suas admoestações e conselhos e exerciam sobre o seu espírito doentio, alguma influência.

Outros eivados de taras e dominados pela insensibilidade ouviam e intimamente repudiavam as arengas de tal massador e antes desejosos de se libertarem dos pesadelos de pertinazes investigações.

Ao lado debruçado sobre uma máquina de escrever encontrava-se um funcionário que ia dactilografando no papel o que o superior ia transmitindo e que consistia nas declarações do interrogado.

De vez em quando interrompia o interrogatório, erguia-se da cadeira de espaldar onde se recostava e dava alguns passos em silêncio na sala, como a pro-

curar encontrar uma pergunta perspicaz, ou uma palavra através da qual se poderia descortinar o começo do enredo que encobria o crime.

Era quasi certo, duma maneira geral falharem as intenções porque o acusado escapava-se arditamente às perguntas, desviando o assunto ou emaranhando-o ainda mais o que desespe-

Continua na 4.ª página

Justa Satisfação

A Congregação de N. Senhora do Alívio, com 8 anos de existência, nasceu como límpida Fonte aos pés Virginais de Maria Santíssima, tivera como Fundador um Sacerdote da Companhia de Jesus, que da vida secular para ali viera inflamado no Santo Zêlo de Deus e no amor às almas, aliando aos seus votos os da pobreza e obediência.

Foram pioneiro desta obra um pequeno grupo de rapazes de Prado, que viram surgir uns após outros, dada a simpatia em que a Congregação caíra.

Sempre paternalmente acarinhada pelo Seminário da Torre que sempre a honrou com a Direcção dos seus

mui distintos Padres, muito tem feito na santificação e instrução moral dos jovens desta redondeza que têm tido a dita de beber naquela Fonte de irradiação espiritual.

Não será mesmo destoante afirmar que, à imitação do que acontecia na Idade Média, também tem sido ali que muitos jovens destes, entre os quais nos incluímos, têm recebido a verdadeira, a autêntica formação, agora espiritual ou religiosa.

Muito rapaz transviado e mesmo acossado pelo lobo, caíra naquelas Santas Malhas para não mais querer sair, do que dão provas os que, mesmo depois de ca-

Continua na 6.ª página

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

A convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, preferência que subordinou ao tema «um Tesouro para Todos».

A esta interessante conferência presidiu o Sr. D. Alberto de Sousa Uva, Presidente da Assembleia dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, ladeado pelos Srs. Dr.ª D. Tereza Machado, Dr.ª D. Cesarina Lyra, Dr. Lobão de Carvalho, Dr. Armando Lucas, Dr. Constantino Carneiro, Dr. Vitorino Dinis, Dr. Mário de Andrade, médicos escolares, Dr. Sobral Torres, do Instituto de Assistência à Família; Dr. António Paúl representando o Clube Fenianos Portuenses e o Dr. António Emílio de Magalhães, Director da Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

Antes de dar a palavra ao ilustre conferente, o Sr. Dr. Alberto de Sousa Uva fez uma breve apresentação do Sr. Dr. Américo Cortez Pinto pessoa que classificou como possuidor de categoria excepcional e com um temperamento multimodo que se manifesta nas variadas actividades sobre que se debruça o seu espírito, tais como a poesia, os trabalhos de investigação científica, o estudo da famosa arte de imprimição, o culto pela Língua Pátria, etc. Depois de enumerar algumas das principais obras produzidas pelo conferente, o Sr. Dr. Alberto de Sousa Uva disse estar-se em presença de alguém invulgarmente dotado e qualificado cuja acção se processa no amor à poesia metafísica, na preocupação constante pelas questões que visam o engrandecimento nacional, no aprofundar dos problemas da pintura cuja linguagem plástica tão bem conhece, na defesa dos interesses de ordem cívica e de ordem histórica, etc.

Concedida a palavra ao Sr. Dr. Américo Cortez Pinto, este começou por salientar:

Esta língua que falamos, modelaram-na ao seu sabor as almas que fizeram as nações e nos criaram uma pátria. Com a diferenciação da linguagem criava-se, em cada povo, uma personalidade diferente.

A nossa língua, falaram-na uns saborosamente ao jeito ingénuo e rude, formoso e forte da linguagem primitiva dos cancioneiros e das crónicas. Língua ainda saborosa ao fermento do baixo latim que levou com a linguagem do romance, nas suas falas rústicas e singelas de vassallos e de senhores: -- Língua irmã da estopa e do burel dos caseiros bragais, tanto em palácio real como em choupana da gleba.

Assim era no tempo dos

Afonsinos, aqueles reis da primeira dinastia, quando os hábitos da vida frugal e de convívio eram comuns entre fidalgos cavaleiros e gentes da gleba que lhes criavam os filhos e frequentavam os paços. Uns e outros recebiam dos moiros com quem tanto guerreavam como conviviam, numerosos arabismos que assimilavam ao seu romance alatinado, e ainda hoje enchem de claras sonoridades a nossa linguagem e, de memórias e de lendas a nossa toponímia.

Depois, com a dinastia de Aviz, enriqueceram-na outros com o exótico linguajar de palavras colhidas em marítimas aventuras por esse mundo sem fim, salpicando-a de novos brilhos em saborosas falas eivadas de pitoresco.

Também a Língua partiu com os nossos marujos à conquista de vocábulos por esse mundo de Cristo e de infiéis. Vocábulos perfumados em jardins e florestas de exóticas essências: Guiné, Sofala, Pérsia, Arábia e Índia. Em termos nunca ouvidos que os Portugueses repetem curiosos, colhidos por todo o Oriente, cintilam riquezas de Samorins e de Rajás. Enlanguescem risos de mulheres em palanquins dourados, com palavras que se prendem pelos beijos nas bocas dos primeiros ocidentais que lhes dão amor. O Oriente incrusta-se em nossas falas com esmaltes de charões e brincos de bazar. Índia, China, Japão, Insulíndia... Fulgem botões de jade e de cristal e esplendem dragões de matiz nas cabaias dos mandarins. Faíscam espadas ariscas e ágeis de Daimiões. E, às vezes, entre nácares e corais e gritos jubilosos de corsários, emergem das espumas pescadores de pérolas e de aljófares!

Disse ainda o Sr. Dr. Américo Cortez Pinto: Com todos convivemos: reis, mandarins, sacerdotes, cacizes, guerreiros, lavradores, artifices, marujos e pescadores. Por todo o mundo os Portugueses repartiram a sua riqueza vocabular! A Língua Portuguesa fixava-se entre os povos com o nome de *papiá-kiristan* - falar cristão - ou falae nazareno. Porém, Também esses povos nos deram, em troca, muitas das suas palavras que ainda hoje persistem em nossa língua como se portuguesas foram de nascimento.

As outras riquezas do Oriente sumiram-se do nosso património material. Porém, as jóias dos seus vocábulos, ainda hoje enriquecem, com lampejos orientais, o tesouro da nossa opulenta linguagem!

Com o renascimento, além dos navegantes e aventurei-

ros que marchetaram a nossa língua com termos de colorido asiático, outros dos nossos avós vieram, para enriquecer a herança, engalanar de ornatos renascentistas uma dicção que se apurava em cultos dizeres, no trato das musas clássicas, dos filósofos helênicos e dos lapidários latinos.

E ainda hoje, no jeito da nossa boca, na formação do nosso espírito e na gráfia da nossa pena, vibram os sentimentos e as vozes, a inteligência clara e a virilidade verbal, os traços e os símbolos de quantos, através da noite dos tempos e à claridade meridiana dos mares sagrados—Egeu, Adriático, Tirreno—preparam com o espírito, com a voz e com o cálam, a alvorada futura e o rumo das nossas almas para o presente.

A terminar, o Sr. Dr. Américo Cortez Pinto, afirmou:

A responsabilidade de quantos devem zelar pela pureza e pela dignidade da linguagem quotidiana, envolve um dever de ordem patriótica, intelectual e moral.

Patriótica, porque não me cansarei de repetir a frase com que, em ocasião oportuna, afirmei na Assembleia Nacional que «a Língua é a primeira constituição política dum nação».

De ordem intelectual, porque a linguagem é imprescindível como estímulo, organização e desenvolvimento da inteligência que não poderia pensar sem o auxílio da voz falada.

E de ordem moral porque a boa linguagem é tão indispensável à dignidade e pureza da alma, como lhe é nociva uma linguagem viciosa, de provada e torpe.

Encerrando a sessão, o Sr. Dr. Alberto de Sousa Uva referiu-se elogiosamente ao trabalho apresentado pelo Sr. Dr. Américo Cortez Pinto e patenteou-lhe a sua admiração e o seu agradecimento de portugueses, pelo carinho e pelo calor postos na defesa da Língua Pátria como a expressão mais viva da alma humana. A Língua, disse, é a primeira fronteira natural de um povo. Defendê-la é fazer obra de profilaxia social; revitalizá-la é um dever que já mais poderá minimizar-se.

No final da sua notável conferência, o Sr. Dr. Américo Cortez Pinto foi muito aplaudido e cumprimentado.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Olhar de Mãe!...

Na Colômbia... Em Leticia... Às margens do Amazonas. Eu trazia em minh'alma um dissabor profundo... — Meu Deus, — dizia eu, — meu Pai, Tu me abandonas, Agora que sôzinho em lágrimas me inundo?!... »

Ali, na vastidão daqueles verdes zonas, Meu pobre coração, tristonho e furibundo, Sofria a convulsão das grandes intentonas, Que pretendem, rugindo, incendiar o Mundo...

Cada vez que o rancor, medonho, me atacava, Lançando sobre mim a envenenada clava, Eu só tinha um pálido: — era invocar Maria...

Um dia, acabrunhado, eu fui chorar na Igreja... E quando entrei, — bendito aquele instante seja!... A Virgem-Mãe do Carmo — olhando-me! — sorria!...

Palavras ao Rádio

Rádio do meu Brasil, não sei se tu conheces O teu valor completo, enorme e colossal... Por teu poder imenso, em tudo te pareces Com teu irmão mais velho, o Hércules-Jornal...

Basta que no combate um dia te arremesses, E podes — muito Bem — fazer — ou muito Mal!... — Rádio do meu Brasil, defende os interesses De Deus, do Lar, da Luz, da Pátria e da Moral!...

Quem dera eu ser também Branly, Marcóni ou Morse, Para criar o engenho — (o engenho que ainda falta) — Que as indústrias do Mal só para o Bem as force...

Rádio do meu Brasil, dá-me essa voz macia Para eu encher do Espaço a cúpula tão alta Da glória Universal do Nome de Maria!...

Maria ao pé da Cruz

Buscando alívio certo à minha dor profunda, Vou subindo, sôzinho, ao cimo do Calvário, E vejo, ali, na dor do trágico cenário, A Virgem Mãe de Deus, que em lágrimas se inunda!...

Vejo morrer Jesus!... E a corja furibunda Inda o afronta ao morrer!... E cresce o lacrimário Da triste Virgem-Mãe, que reza o antifonário Da Dor, da Grande Dor de uma alma moribunda!...

A Dor da Virgem-Mãe não cabe no Infinito!... — E o ronco de um trovão, rasgando o Firmamento, Parece a voz de Deus, que chora dando um grito!...

E eu vi que a nossa dor é um átoma qualquer!... A própria dor das Mães não chega a ser tormento!... — Maria ao pé da Cruz é A DOR FEITA MULHER!...

Agência Funerária

MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornatações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornatações de cruces e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em COUCIEIRO—VILA VERDE

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal
Correspondência
Ofícios

por empreitada, salvo se vier a verificar-se o caso previsto no § 2.º Art.º 359.º do citado Código, isto é, se não houver licitantes no primeiro nem no segundo concurso que se realizarem para a adjudicação da empreitada. Só nesta hipótese poderá recorrer ao concurso limitado ou ao ajuste particular, ou optar-se pela administração directa. Informa, ainda, que nos termos do § 1.º do citado Art.º 359.º, esta Câmara deverá deliberar a abertura do aludido concurso público aprovando os respectivos programas e cadernos de encargos, devendo aquele realizar-se precedendo editais de pelos menos vinte dias.

Requerimentos de Obras

De António Ribeiro, de Fiscal, solicitando licença para vedar uma propriedade sita no lugar de Passos da mesma freguesia. Tem informação favorável da Junta de Freguesia. O Zelador informa que não há inconveniente na concessão da licença desde que o muro dite do eixo do caminho público 2m.

De Domingos Pinheiro, de Carrazedo, pedindo licença para construir uma casa com um só pavimento no lugar do Pilar da mesma freguesia. O Zelador Municipal informa que a casa deve distar do eixo do caminho público 2m.

Do Padre António José da Silva e Costa, de Sequeiros, pedindo licença para proceder a reparação interiores no seu prédio sito no lugar do Eirado da freguesia de Caldelas. Tem informação favorável.

De Amélio de Andrade, de Caldelas, requerendo licença para aumentar a um seu prédio sito no lugar de Passos da mesma freguesia. Tem informação favorável da Junta de freguesia e Zelador Municipal.

De Joaquim Fortunato Correia, de Caldelas, solicitando licença para reparar os telhados do seu prédio sito no lugar de Covo da mesma freguesia. Tem informação favorável da Junta de Freguesia e Zelador Municipal.

De Domingos José Dias, de Ferreiros, pedindo licença para construir uma dependência no seu prédio sito no lugar Novo da mesma freguesia. Tem informação favorável da Junta de Freguesia e Zelador Municipal.

De João Machado de Oliveira, de Amares, solicitando licença para construir uma ramada no seu prédio sito no lugar do Largado da mesma freguesia. Tem informação favorável da Junta de Freguesia. O Zelador informa que a ramada não deve ultrapassar o prumo da propriedade.

Requerimentos de doentes

Foram presentes à Ex.ma Câmara os seguintes requerimentos pedindo guias para internamento de doentes pobres em estabelecimentos hospitalares deferidos pelo Senhor Presidente da Câmara nos termos do Art.º 78.º do Código Administrativo: de Glória de Jesus Fernandes, de Figueiredo, Laurinda Soares, de Carrazedo, Delfim José Lopes, de Lago, João Fernandes da Cunha, de Prozel, Conceição de Azevedo, da Torre, Leopoldina Pereira, de Santa Marta de Bouro, Maria da Graça Gonçalves Fernandes, de Caires.

Foram Também, presentes à Ex.ma Câmara os ofícios do Hospital de São Marcos, de Braga, pedindo guias para internamento dos seguintes doentes pobres: de Teresa da Conceição da Silva, de Fiscal, Carolina Augusta Duarte, de Caires, Conceição da Mota, de Carrazedo, Manuel António Rebelo, de Ferreiros, Joaquim Araújo Gomes, de Ferreiros, Rosa Araújo Antunes, de Caldelas, Elvira de Jesus Ferreira da Silva, de Dornelas, de Horácio Raúl Pereira, de Portela, Maria da Conceição Machado, de Barreiros.

Requerimentos de Velocípedes

Foram presentes à Ex.ma Câmara os seguintes requerimentos pedindo a licença para condução de velocípedes: de António Andrade do Vale, de Figueiredo, António José Antunes Pereira, de Amares, Joaquim da Silva, de Portela, António José Barros, de Caires. Os Examinadores informam que os requerentes se encontram aptos a conduzir velocípedes. Foram concedidas as respectivas licenças por despachos do Senhor Presidente da Câmara exaradas nos processos.

(Continua no proximo número)

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—Os Senhores Manuel Cardoso de Abreu e Francisco José de Almeida.

Dia 27 — A Senhora Elvira Gonçalves Leite, a menina Maria Alice Fernandes e os Senhores Tomé José Gonçalves e Joaquim de Macedo Gonçalves.

DE CALDELAS

Criança Esmagada por um Carro de Tracção Animal

Caldeias, 19 — Realizou-se hoje na vizinha freguesia de Souto o funeral duma infeliz criança de nome Alberto Martins Pereira, de 6 anos de idade, filho de Ernesto Martins e de Idalina de Abreu, residente no lugar da Igreja daquela freguesia de Souto. A infeliz criança que se encontrava á frente duma junta de gado bovino que puchava um carro de lavoura, de súbito, os animais puzeram-se em marcha esmagando-lhe a cabeça o que lhe deu morte imediata.

O sucedido, muito chocou a povoação daquela localidade, pois casos como este, são muito raros, no nosso meio, apesar das facilidades como muitas vezes as crianças são expostas áqueles perigos.

CICLISTA ATROPELADO POR UMA FURGONETE

Quando hoje pelas 9,30 passava montado em bicicleta, no lugar de Vilouços da freguesia de Fiscal o lavrador-caseiro, Domingos José Machado, casado, de 65 anos, residente naquele lugar e freguesia, foi atropelado pela furgonete ON-13-04, Peugeot, conduzida pelo seu proprietário, sr. Osvaldo Ferreira, casado, comerciante, residente na Rua Silva Pinheiro, N.º 106 Matosinhos.

Do embate resultou que o ciclista além de vários ferimentos pela face partiu algumas costelas pelo que teve de recolher ao Hospital de S. Marcos (Braga) onde ficou internado.

A Guarda Nacional Republicana que prontamente compareceu, tomou conta da ocorrência.

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Apenas duas notícias preencherão esta carta: baptizados e rádios.

1.ª Realizou-se em 12 de Março o baptizado de Albino Ribeiro da Cunha, filho dos senhores Manuel da Cunha e Maria da Conceição Lopes Ribeiro, moradores no lugar da Ribeira. Foram padrinhos Albino José Ribeiro, avô do neófito, e Maria da Luz Antunes, todos do referido lugar da Ribeira.

2.ª Não faltam rádios e por isso não é maravilha falar-te de coisa sabida. O que me leva a dizer-te alguma coisa sobre tal assunto é a extrema vulgaridade a que os rádios desceram. Actualmente os relógios de pulso até ornamen-

tam braços cujas portadoras (e talvez portadores...) não conhecem as horas! Mas, é moda!... Pois fica sabendo que nestas pobres aldeias também os rádios estão na moda. Os namorados, mesmo jornalheiros, já se apresentam à beira das suas «queridas» de rádio na mão!... As voltas que o Mundo dá! Imagina o povo, (não digo que fosse todo), a dizer mal de mim por comprar um receptor de telefonia, há anos, com o único objectivo de ouvir noticiários e conferências! Agora já há lavadeiras que levam o rádio de mão para junto de si quando vão tirar as ervas ao cebolo!... É progresso.

Teu: J. Moreira

CAIRES

Melhoramentos

— A Dig.ª Junta da freguesia tem ultimamente, feito bastantes melhoramentos em estradas, sobretudo no lugares da Cal, Enxurreira, Pousadas e Freixeiro. Vai arranjar o fontenário do lugar do Paço, e adquirir um Selo Branco, cuja falta se tem feito sentir; mas o maior que se intenta fazer é a Avenida que liga a estrada pública á Igreja paroquial no centro da freguesia, a que temos feito algumas referências, e para o qual temos feito um vivo apêlo para que todos nos ajudem a realizar esta obra, foi dirigida uma circular a várias pessoas nativas, residentes fora, e a resposta tem sido animadora e cheia de conforto a esperança; assim o senhor Joaquim Augusto de Araújo, de Lisboa, enviou-nos 200\$00; Armando Joaquim Dias, da Feira Nova 100\$00; Arminda de Jesus M. 100\$00; Adelino Ferreira Rodrigues, residente em França, 100\$00 (com promessa de mais); Secundino Brandão e seu mano Augusto da Costa Brandão, residentes em Lisboa, 100\$00 — cada; os Senhores Lourenço Batista, António Joaquim da Silva Almeida, José Pinheiro, Aníbal Machado Rodrigues, e muitos outros já nos prometeram valiosos donativos que nos animam e confortam. Bem hajam; trabalhemos todos pela Nossa Terra, e Caires será uma das primeiras freguesias do Concelho. Tem progredido pouco, mas agora vai marcar. Avante.

Batizados

— Há fartura de gente nova: ultimamente foram baptizados os seguintes: 1.ª Olívia; filha de Manuel Fernandes e Maria da Conceição da Silva, do lugar da Cal. 2.ª Joaquim;

Assembleia Geral

A Mesa da Confraria de Nossa Senhora da Abadia convoca todos os Confrades do sexo masculino a reunirem-se em Assembleia Geral, no Santuário da Abadia no dia 2 de Abril de 1961 pelas 14 horas, para tratar de assuntos respeitantes: á Estrada da Abadia, Bouro-Valdosende e ao Posto Clínico, Avenida Acesso e compra de terreno junto ao muro da Martinga.

Não reunindo a maioria haverá nova reunião no dia 9 de Abril á mesma hora que deliberará com qualquer número (Artigo 33 § único). Bouro-S.ta Maria, 19 de Março de 1961.

O Juiz da Confraria,

Cónego Arlindo R. da Cunha

filho de Domingos Manuel Fernandes e Gracinda de Jesus Peixoto; 3.ª Sebastião João; filho de José Manuel de Abreu (do orfão) e de Ceci Borges Soares, (brasileira) do lugar do Outeiro. 4.ª Júlia; filha de António José Cerqueira e de Maria Carmezinda Lopes Pereira; 5.ª Luiz; filho de Domingos Antunes Gonçalves e de Aurora Maria Pimenta da Silva, da Geira; 6.ª Maria; filha de Alfredo da Silva Dias e de Eliza de Jesus Pinheiro da Igreja; e 7.ª Maria da Conceição Borges de Barros; filha de Maria Irene de Barros, nascida em Lisboa, onde lá houve grossa trovoadas espiritual; e sem direito ao abono de família. Aos neófitos, desejamos uma lua cheia de felicidades.

Casamento

— Hoje realiza-se o do jovem Virgílio Abreu da Silva, com Mavilde Olívia da Costa Fernandes, do Freixeiro. Muitas felicidades.

ROMANCE OU NOVELA?

(Continuação da 1.ª página)

rava o inquiridor.

Mas alguma vez conseguia os seus desejos apurando a verdade e isso construía na sua carreira mais um triunfo.

No entanto, o caso de Cecilia era dos mais arduos, trabalhosos e difíceis.

A vivacidade da acusada, a sua cultura intelectual, a resistência indomável a todas as formas de interrogatório que se arquitetavam não consentiam descobrir um pequeno indicio da sua culpabilidade.

Naquele dia, o Tenente, jurou a si próprio usar dos meios mais brandos e capciosos para conseguir da parte de Cecilia a confissão do crime a ela imputado e que a cobriu de vergonha e desprezo.

Era acusada de tentar assassinar o marido, usando para isso variados processos.

Suspeitava-se ainda da cumplicidade de alguém íntimo da casa, mas de concreto ainda nada se tinha apurado.

Cecilia era oriunda de uma família de proprietários abastados que viviam na sua casa solarenga, rodeados de numerosa creadagem e cujos hábitos e costumes eram fundamentalmente tradicionais.

Nada se fazia, apesar de vivermos no século XX, que pudesse deslustrar a memória dos antepassados.

A hora das refeições e do recolher, o misticismo religioso, o trato familiar tudo conservava ainda as características dos remotos tempos.

Neste ambiente se modelou o carácter, e o sentimentalismo daquela única filha do casal que seria a herdeira de grande fortuna, amealhada através de algumas gerações.

Os pais evitavam-lhe o convívio com as outras raparigas, receosos de que ela fosse contaminada pelas novas teorias espalhadas nas escolas e já acentuadas na sociedade actual.

Os cinemas, eram totalmente desconhecidos para ela e renegados pelos pais, pois consideravam-nos os

fios condutores da imoralidade e do descalabro social.

Contavam-se á mesa ou nos serões coisas horróricas exibidas nessas casas de espectáculos e Cecilia ia ouvindo em silêncio a crítica mordaz e severa dessas exhibições da arte de representar.

Em suma, constituíam motivos de transformação da humanidade no caos, onde a honra e a dignidade eram despresadas como conceitos inúteis.

Muitas vezes, sozinha, nas horas de ocio de verão deixava-se ficar a pobre rapariga sentada numa cadeira no jardim, com os olhos fixos no firmamento a meditar com ansiedade nas sensações agradáveis que se sentiria na demonstração de um filme de amor.

Quando já tinha a cabeça esquentada de tanto imaginar ia deitar-se e sentia um mal estar, um desejo vago e impreciso que lhe toldava a razão e fazia estremecer os nervos...

Crispava as mãos e nutria uma revolta íntima contra aqueles que a tinham quasi como prisioneira naquele casarão imenso, isolada das relações de amizade com as raparigas do seu tempo.

Que inveja tinha delas... Via-as acompanhadas dos namorados, em requebros de paixão e a beberem trago a trago desejos sensuais e anseios dum lar feliz.

Tudo isto pensava mas não atinava com a forma de romper com os grilhões daquela torturosa situação.

Já se lembrara de escrever a uma condiscípula do Colégio para vir passar uns dias na sua companhia e as duas estudarem a melhor maneira de persuadir os pais a concederem-lhe um pouco de liberdade, mas desistia, porque conhecia bem o temperamento do pai impulsivo e intolerante.

Contava 18 anos de idade, e apenas fora uma vez a Casa de D. Maria Meireles a um jantar de anos onde todos se divertiram à vontade.

F. S.

SOFRIMENTO MORAL

Continuação da 1.ª página)

tanto Divinas como humanitárias, quando não encontra dos outros para consigo este grande dom, esta nobre Virtude, é quase obrigado a faltar à Caridade, não obstante reconheça que, para a Lei de Deus, a que visa o nosso destino eterno e mais interessa ao homem, pois se a vida é uma curta viagem de turismo que finda amanhã, o homem, fraco por Natureza, acaba por faltar à grande virtude.

Ao homem, foram conferidos Direitos, e impostos Deveres. Mas nem sempre este toma os Deveres como Preceitos que o elevam, para só querer fazer reconhecer os seus direitos. Ignorância, fraqueza, pleno atastamento das Leis do Criador!

«ERRARE HUMANUM EST», mas erra-se, por vezes, de maneira estrondosa, e obstinadamente, depois de se reconhecer a queda, o capricho humano e o orgulho desumano, não se querem rebaixar, assim o julgam, ao ponto do desagravo pelo pedido de perdão ao ofendido.

O acto de desagravo, o rogo de perdão, não rebaixa o homem, mas exalta-o, dignifica-o, torna-o mais homem, mais coadunado com o fim para que fora criado, o destino Eterno.

É este o drama, o triste drama da vida! É esta a Humanidade com que lidamos, e, nesta luta quotidiana, neste caminho de venenosos cardos humanos, vamos espetando, espinho a espinho, a coroa de que O Salvador nos deu o exemplo.

Saibamos compreender-nos como irmãos, e, sobretudo, não sirvamos de carrascos para com o nosso semelhante que sofre, se este for atingido pelo Sr. F... de tal, fugindo-lhe com o nosso apoio moral. Ajudemo-lo, nos momentos de luta e de fraqueza, não para o revoltar, mas sim para que o seu estado de espírito e o seu jugo se tornem mais suaves, mais leves.

É do momento da amargura que o homem mais necessita de conforto.

Tivemos esta conclusão do Mestre no Caminho do Calvário, e no cimo do Gólgota.

Gota d'Orvalho

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º- onde também se recebem assinaturas e publicidade

Visado pela Censura

Pedido de Mãe

Na Espanha... Em Pontevedra... Em casa franciscana
Um Bispo do Brasil... um ínclito mineiro...
Vai ter a Santiago... E à Virgem Soberana
Encomenda o Brasil em todo o seu roteiro...

É Maio... o Mês da Flor... a Quadra Mariana...
Entramos na Capela... E o nosso olhar primeiro
Vai ter à Virgem-Mãe... Do seu olhar promana
Uma voz que assim diz ao Bispo Brasileiro:

— «Tu sabes, filho meu, que Minas — A BRIOSA —
Levanta ao meu Jesus a Catedral grandiosa
Que vai dar ao Brasil excelsa primazia!...

— Aos Bispos teus irmãos dirás: — «Meu Filho Amado
Quer ver o meu Brasil por vós ser transformado
Na Catedral Maior da Glória de Maria!...»

Transvoando o Atlântico

Deus te conduza, ó máquina, arrancas,
Com tua força, dominando o Ar,
Dos Oceanos as enormes trancas,
Fazendo o Tempo, em seu correr, parar!...

Aqui, por cima destas núvens brancas,
A seis mil metros contemplando o Mar,
Vendo da Morte as pérfidas carrancas,
Ouvindo sempre as hélices roncar...

Aqui, longe da terra, aos pés de Deus,
Esta incerteza certifica à gente
Que não existe a raça dos ateus!...

E eu penso em Vós, ó Mãe de Deus querida!...
E a Vós me agarro, cego e fortemente,
E vos entrego, inteira, a minha vida!...

Nova Oficina de Mecânica

— DE —

DUARTE & PINHEIRO

SENHORES AUTOMOBILISTAS E PROPRIETÁRIOS
de motores industriais, quereis reparar o vosso carro ou
motores Agrícolas!

Confiar na Nova Oficina Mecânica,

que só ela vos garante a reparação que o vosso carro
ou motor precisa.

Feira Nova

AMARES



RELOJARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 22526

Braga

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo
mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

FOTO MODELAR

reportagens de casamento
Baptisado e Banquetes

Fotografias tipo passe e ampliações

Telefone 62113

AMARES

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe

em uma corte que serve de estrebaria, tudo debaixo das mesmas águas, com uma porta para o Norte.

Item logo para o Poente da medição acima fica um campinho também pertença deste passal e residência, que he ao modo de borracha, o qual corre de Nascente a Poente e dividido por comoros sobre si, o qual medido pela cabeça do Nascente, de Norte a Sul tem de largo vinte varas, parte por vallo e silvas com terra do circuito e passal acima medido, e medido pela parte do Sul, de Nascente a Poente tem athe onde faz uma chavinha vinte e oito varas; e correndo de Norte a Sul na testa da mesma chavinha athe onde parte com o dito Bento Rodrigues tem na testa da mesma chavinha tres varas, e dahi continuando a medição de Nascente a Poente, ainda pela parte do Sul, em volta assim como corre o vallo, tem quarenta varas por onde parte com o dito Bento Rodrigues, e medido na testa do Poente junto do vallo de Sul a Norte tem dez varas, por onde parte por vallo de silvas alto, com Jacinta de Freitas, viuva do lugar da Villa, e medido de Nascente a Poente, à face do vallo pela parte do Norte, tem de comprido athe onde principiou esta medição cincoenta e cinco varas, por onde parte por vallo com o Campo chamado das Cerdeiras que possui Domingos Francisco e sua mulher Rosa da Rocha do lugar da Villa, e o dito Bento Rodrigues do lugar de Villar; e tem estas terras do passal agua de lima e torna a torna, que vem do rio das Chedas e do rego partida por giro, que vem a ser desde sexta-feira à noite athe ao dominho ao depois da Missa do dia, cuja agua nestes dias he repartida para o passal e para as propriedades que dele saíram. E feita assim a dita vedoria, medição, apegção, demarcação, e atombação do dito passal e casa da residência, houve ele Doutor Juiz do Tombo este Autho de reconhecimento por acabado, que assignou com... **Sentença** — Julgo o Autho de reconhecimento retro por sentença a que interponho minha auctoridade judicial, que mando se cumpra, e em virtude dela declaro ser a igreja de que se trata, com sua fabrica, casa de residencia e passal, na forma que se declara, com seus dizimos e primicias, da apresentação e padroado do Mosteiro de Santo Andre de Rendufe e Dom Abade, e ao mesmo unido *inperpetuum*, pelo que mando se lance em Tombo e pague o Mosteiro as custas, em que o condeno. São Pedro de Codeceda, dezoito de Março de mil setecentos setenta e nove — José António da Motta Gomes — *Segue-se o termo da publicação desta sentença.*

AUTO DE RECONHECIMENTO QUE FEZ O JUIZ, Thesoureiro, Officiaes Devotos, que venerão o SS. Sacramento desta freguesia—Aos dezassete dias do mes de Março... no dito lugar e freguesia ahi em publica audiencia apareceu presente o Padre Pregador Frei Manoel de Santa Gertrudes... e por ele foi dito que em nome de seu constituinte fizera citar aos officiaes devotos que venerão ao Senhor aqui colocado por modo de Viatico, a saber: o Juiz Jose Francisco do lugar de Villar, e o Thesoureiro José Gonçalves do mesmo lugar para declararem quem colocara o Senhor na dita igreja, e o verava da sua fabrica e azeite, e que os mandasse apregoar pelo Porteiro, e que sendo-o não aparecendo à sua revelia os houvesse por citados, chamados e requeridos para tudo o que dito he e se procedesse à sua revelia; o que visto e ouvido por ele Doutor Juiz do Tombo mandou que fossem apregoados, que com efeito o forão... e aparecendo disserão não tinham duvida reconhecer e declarar o referido, e disserão que por nesta freguesia e sua igreja se não achar colocado o SS. Sacramento, e terem muito gosto de que nela o tivessem, tendo por noticia o Reverendo Vigário, que então era Manoel Rodrigues, que Lourenço de Amorim que se achava nos Estados Unidos da América, tinha sido baptizado na igreja desta freguesia e ser homem devoto e que tinha feito esmolas a algumas igrejas desta vizinhança para obras pias, e de devoção lhe escrevera o dito Reverendo Vigário para que lembrando-se de que fora baptizado nesta igreja lhe mandasse huma esmola para nela colocar e venerar o SS. Sacramento por modo de Viatico, e que ele movido da sua devoção lhe mandara a quantia de duzentos mil reis, que eles receberão por seus predecessores, e que com algumas esmolas mais, que derão os fregueses desta freguesia, nela colocarão o dito Senhor, e nela o venerão de azeite e sua fabrica, fazendo para isso obrigação por escritura ao Reverendo Padroeiro seu Mosteiro, como melhor constará dela, no que não tem duvida na dita obrigação, e se obrigação a cumprit na dita forma, e que ao presente ainda venerão o dito Senhor por officiaes devotos, enquanto não erigem sua Confraria, e por esta razão não tinham duvida em

* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

BANCO DE FOMENTO

Continuação da 1.ª página)

que assegurem o cumprimento das obrigações assumidas para os fins visados pelas modalidades de crédito legalmente autorizadas ao Banco.

Servido por quadros técnicos especializados, o Banco de Fomento Nacional tem estendido a sua acção a todo o território nacional metropolitano e ultramarino, possuindo já delegações em Luanda e Lourenço Marques. Embora sejam considerados com prioridade os empreendimentos designados pelo Conselho Económico e incluídos no II Plano de Fomento, isso não significa que deixem de merecer estudo atento e possível solução satisfatória todos os outros. Deste modo, têm sido numerosos — ascendem já a muitas centenas — os pedidos de financiamento recebidos naquele estabelecimento bancário, da Metrópole e do Ultramar, pedidos que são cuidadosamente estudados pelos respectivos serviços técnicos que sobre eles elaboram parecer a submeter à aprovação, da Administração. Os ensinamentos colhidos junto de instituições estrangeiras congêneres, os contactos com algumas das mais importantes organizações internacionais de crédito, cuja ajuda pode promover um mais rápido desenvolvimento da nossa economia e a competência do seu pessoal tornaram o Banco apto a concretizar a sua dupla função de financiador e de orientador dos investimentos, modalidade de carácter relevante pela novidade que encerra, pela especialização que requer dos funcionários, pela ajuda que pode prestar e pelo progresso que pode fomentar.

Do que foi a actividade do Banco de Fomento Nacional nos primeiros dez meses do seu funcionamento dá-nos conta o seu 2.º Boletim de Informação, agora distribuído pelo respectivo Gabinete de Estudos e Projectos, publicação que insere também alguns trabalhos notáveis sobre a actualidade económica nacional e internacional.

Assim, sabe-se que, até Outubro de 1960, o Banco aprovou 34 operações de financiamento directo, no total de 680 232 contos, das quais 18 na Metrópole e 16 no Ultramar (142 167 contos em Moçambique; 57 515 em Angola; e sete mil contos em Timor). Esses financiamentos interessaram principalmente a agricultura e silvicultura (7515 contos); as indústrias extractivas (6 150); as indústrias transformadoras (175 400); a construção e obras públicas (143 167); a electricidade (298 000) e os transportes (50 000). Foi também firmado um acordo sobre a concessão de crédito agro-

-pecuário entre o Banco e a Junta de Colonização Interna e a verba atribuída a Angola não inclui os financiamentos que transitaram do departamento de fomento do Banco de Angola e que ainda não estavam totalmente utilizados quando esse departamento foi integrado no Banco de Fomento Nacional.

Com mais 68 mil contos de operações de antecipação, os financiamentos aprovados pelo Banco nos dez primeiros meses da sua actividade totalizaram 748 232 contos.

No mesmo espaço de tempo, o Banco efectuou financiamentos no valor global de 520 526 contos, sendo 336 852 na Metrópole e 183 674 no Ultramar. Incluem-se neles quer as operações aprovadas pelo Banco, quer os financiamentos por ele efectuados e relativos a operações que transitaram do departamento de fomento do Banco de Angola. Esses investimentos dizem respeito às seguintes actividades: agricultura e silvicultura (37 142 contos); indústrias extractivas (3 490); indústrias transformadoras (135 988); construção e obras públicas (13 400); electricidade (280 506); e transportes (50 000). Dentro das indústrias transformadoras metropolitanas e ultramarinas, foram principalmente financiadas a do papel (61 050 contos); as metalúrgicas (27 400); as metalomecânicas e de material eléctrico (24 962); e as químicas (12 500). Foram ainda financiados mais 63 mil contos relativos a operações de antecipação, o que dá um total efectivo de operações de financiamento no valor de 583 526 contos.

Por outro lado, nos mesmos dez meses de actividade, o Banco de Fomento Nacional tomou firme 10 833 contos de acções e 42266 de obrigações de grandes empresas nacionais como a União Fabril do Azoto, Nitratos de Portugal, Metropolitano de Lisboa, SONEFE, Empresa Termoelectrica Portuguesa, Sociedade Portuguesa de Petroquímica, Companhia Nacional de Electricidade, Hidroelectrica Portuguesa e SOREFANE.

Por fim, regista-se a participação do Banco no financiamento do Plano de Fomento que atingiu, até fins de Outubro de 1960, 293 006 contos, dos quais 268 000 sob a forma de financiamentos directos (adubos azotados, electricidade e transportes) e os restantes 25 006 contos em acções e obrigações. Além destas operações, o Banco participou ainda na tomada firme de 53 258 contos de títulos emitidos por empresas consideradas no Plano de Fomento.

Eis, em resumo, a notável actividade já desenvolvida por este Banco de investimento, instituição nova no nosso País, na sua dupla função de fornecedora de crédito e orientadora da sua aplicação e que vem cumprindo cabalmente o objectivo com que foi criada e se pode sintetizar nestas palavras do Sr. Ministro das Finanças: «instituição nova na concepção, nova nos métodos, nova nas operações, nova nos recursos que utiliza, nova na atitude para com aqueles que demandam os seus serviços, nova, sobretudo, no espirito que a domina».

Tribuna Escolar

Continuação da 6.ª página

Durante o Santo Sacrifício o coral dirigido pelo Rev. P. e Araújo, fez-se ouvir em alguns números adaptados à Litúrgia.

Surgira o grande Momento, o momento da Comunhão, a hora de união com Cristo. Unidos, Professores e alunos, recebem entre cânticos o Pão Vivo, o Alimento das almas. Este acto fora precedido dum brilhante alocação pelo Rev. P. e Hilário, que, dirigindo-se aos Professores e alunos, lhes lembrou o Grande significado da Eucaristia.

Com um almoço de confraternização no Restaurante Maia, terminou este tão simpático e solene acto, que o Rev. P. e Costa Araújo quis brindar não só com a sua presença, mas com as calorosas palavras de louvor aos Professores e aos alunos da Escola Técnica, pela maneira tão sim-

A NOSSA MISERICÓRDIA

vai ter uma Comissão Administrativa

Continuação da 1.ª página

bosa de Macedo, Dr. Avelino Manuel da Silva, Dr. Manuel Arantes Rodrigues, António Alves da Mota.

Preside à Comissão o Senhor Dr. D. Miguel Sottomayor, professor do Liceu, residente na Quinta da Tapada, deste concelho. Em verdade a escolha não podia ser melhor atendendo às altas qualidades que o distinguem. Os nossos votos são no sentido de que se conserve muito tempo à frente da instituição.

pática e religiosa, como traxeram em feliz romagem aos pés da Virgem do Sameiro, mais uma prenda de ano, nesta tão fervorosa comunhão de conjunto.

Gota D' Orvalho,

Tribuna Escolar

Comunhão Pascal dos Estudantes dos Cursos Nocturnos da Escola Técnica de Braga no Templo do Sameiro

No pretérito dia 12 deste risonho mês de Março, realizou-se no Sameiro a Comunhão Pascal dos alunos dos Cursos Nocturnos deste Estabelecimento de ensino, por iniciativa da Conferência Vicentina da Escola.

Este acontecimento, que pela 2.ª vez reunira junto do Altar da Virgem aproximadamente uma centena de alunos que, lutando pela vida durante o dia, se sacrificam ao estudo durante as horas de repouso, ficará gravado na alma não só dos alunos, como dos Distintos Professores que tiveram a gentileza de nos acompanhar Sr. Dr. Pinto Ferreira, mui Digno Director do Curso Geral do Comércio, Sra. D. Maria Ofélia Digma. Professora da Escola, Rev. P.e Hilário Barros, Distinto Professor de Moral, e o Rev. P.e Costa Araújo, que, com o Rev. P.e Braz haviam ensaiado o Grupo Coral da Escola com vistas ao acto.

Eram oito horas, quando em lídimo ambiente de alegria e camaradagem partiam da Praça da República, em carros eléctricos reservados, os estudantes que, na sua alma de crentes e num sorriso de confiança, tanto de rogos e de agradecimento levaram á madrinha dos estudantes.

Os carros avançavam na sua marcha lenta, enquanto que, em conversa amena uns, cantando outros, os alunos, em cujos rostos uma expressão de felicidade se via transparecer, essa felicidade tão peculiar na mocidade que, com os olhos na Religião e nas letras, encaram o futuro.

Surge além o Bom Jesus, essa pinha dum colorido encan-

tador, em que a obra da Natureza rivaliza com a do artífice, expressa nesse encantador Labirinto que á distancia se nos afigura, e que compõe essa majestática escadaria que aos olhos da alma se nos apresenta como que um caminho-ascensão para a Pátria Celeste.

São almas jôvens que se elevam, e, nesta ascensão, vai a esperança da vida, a vida de quem sonha com os futuros temporal e eterno.

São almas que cantam, corações que falam vidas que lutam, e nesta tríplice oração, caminha agora, rumo ao Sameiro, Monte acima, sob Forma e a Direcção dos Dignísimos representantes da Escola Técnica, a nossa Querida Peregrinação.

Todos os estudantes portam o seu devocionario litúrgico, pelo qual, e em côro, durante o percurso, recitam a « Hora da Prima » finda a qual se dá início á recitação do Santo Terço intercalado de cânticos á Virgem.

Sameiro! Escadaria acima, a caravana reza. Implora á Virgem que, do alto, escute as suas orações, os seus desabaços de filhos. Pede pelo bom resultado dos seus estudos; pelos seus Professores; pelas suas Famílias; e por todos os estudantes que, impossibilitados por qualquer motivo, não poderam estar presentes nesta Peregrinação.

É sob um Sol juvenil, caminha a nossa juvenil caravana rumo á Madrinha, Padroeira e Mãe, que, com um meigo sorriso nos aguarda lá no Alto, mais Alto, ainda onde os nossos corações vivem momentos Celestiais.

Eis-nos pois no Sameiro.

2.ª Publicação



SERGETARIA JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos de Francisco Alves e mulher Maria da Silva, ele carpinteiro e ela doméstica, da freguesia da Lage, desta comarca, para no prazo de dez dias, posterior aos dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução de sentença que contra aqueles move o exequite Alfredo da Costa Macedo, casado, proprietário, da Lage.

Vila Verde, 1 de Março de 1961

O Chefe da Secção, interino,
a) Manuel Augusto Soares

Verifiquei
O Juiz de Direito

a) Manuel Augusto Gama
Prazeres

Eis-nos no ponto estratégico, no ponto Alvo da nossa jornada.

De todas as almas rompe uma prece, uma súplica, um desabaço. Em muitos corações paira a incerteza dos seus resultados escolares, aliada a tantos outros reveses da sua vida!

É hora de falar com a Mãe, hora de felicidade e de júbilo.

A Santa Missa, celebrada pelo Rev. P.e Hilário é dialogada por todos os estudantes que tomam os seus lugares no Corpo Principal do Templo, lugar que lhes fora reservado.

(Continuação da 5.ª página)

Justa Satisfação

Continuação da 1.ª página

sados, continuam a mostrar interesse pela Congregação, e mesmo a frequentar as suas reuniões.

Com uma Biblioteca e várias secções trabalhando em perfeita ordem, das quais podemos destacar a Secção Desportiva, Recreativa, Cultural, Acompartamentos e Passeios, não esquecendo a primordial, Secção Espiritual, a Congregação de Nossa Senhora do Alívio, quer por intermédio do desporto praticado, quer pela parte espiritual de que tem dado provas nas Igrejas e Capelas limítrofes a quando dos acampamentos onde este ponto nunca falhou, tem lançado a semente do Bem, a palavra de Vida Eterna a tantos jôvens que aspiram à perfeição, tendo-se tornado sobejamente conhecida, mesmo através dum jornal onde teve uma coluna para o seu movimento, e que, por motivos que lamentamos, incompreensão, talvez dos inimigos desta Obra, houve que se abandonar.

É esta a Congregação, que muitas pessoas de bom gosto veem com bons olhos, mas que, não obstante os seus órgãos directivos se mantêm desde início em Prado, porque de Prado é o maior número dos seus

obreiros, não tem merecido o apoio dos comandos das suas congéneres, que seria de desejar aqui, nesta Terra que se diz de Santa Maria! E, apesar dos rogos instantes de virtuosas Senhoras desta Terra, que se vêm queixando de que a Congregação estacionária em S. Tiago, uma Barreira se nos depara que não seria intransponível, mas que um princípio de obediência e respeito nos incita a recuar!

Triste afirmativa, mas que traduz a esperança, quando não a certeza de que esta Obra subsistirá, porque é guerreada; e as boas obras sempre tiveram inimigos.

É a Congregação de Nossa Senhora do Alívio que, esforçando-se por levar a sua obra de benfazer a todos os recantos do Concelho, responde a essas almas piedosas que a reclamam para outros lugares da Vila, que estacionará, de facto, no que diz respeito à Paróquia, em Francelos, uma vez que grandes barricadas se levantam a impedir que a Congregação se estenda a Prado, tomando, talvez por enclave de Soutelo, este pedacito de Terra que S. Tiago abençoa!

Felizes de nós, quando formos guerreados pelos inimigos da Cruz.

C.

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amares

En el hueco que abrio con pico adusto
El Ave tierna al Arbol mas robusto.

X

Aqui de Flora, y de Ceres la porfia
Con el arado corvo, punta aguda,
Sentencia el Labrador, que menos fia
De possession en flor, que fruto en duda
Y en los suleos daquela tierra fria
De sus agudas armas ya desnuda
De adonisa la sangre convertida,
Sepulta por aumento de su vida:

XI

En esta que admirais, de gracias plena
Tierra (si Ciclono) donde mi pluma
Si por succincta, y corta me condena,
De la vena me absuelve su gran suma;
El pastor Francelizo la Açucena
Geró por anos diez, que no consuma;
El cielo produz, mil ha prometido
Su fama el tiempo, ser memoria Olvido.

XII

Qual otra desdicha da Estefania
El Castro de la muerte por engãno
Que la falsa criada merecia
Tal fué de Franceliza el desengãno:
A sue querida Sylvia muerto havia
Ya penas sosa mata, caso estrãno,
Quando qual el Castor al muerto vieron
Muerto sin causa, quando nó quisieron.

(CONTINUA)

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

La frutifera planta de Minerva,
En montes y costados multiplica,
Sien la paloma paz, oy negra cuerva,
Al esquadron Gorçal rayos aplica
Y al que defendió su fruta acerba
Con ella el Beneficio gratifica
Entre Fresnos ingratos, y castãnos
Que tienen de su edad siglos por años.

VIII

Divide se esta tierra por Riberas
De Arroyos de cristal y Montes Bellos,
Que quantas son, son tantas primaveras,
Y veranos son tantos quantos ellos:
Assi los paxarillos lisonjeros
Musicas dan, peinando sus cabellos,
Si plumas nõ, de quando en quando coros
Se escutan y repiten mãs sonoros.

IX

De Filomena alli amargas quexas
Del incestuoso amante querelosa
Donde el verde Arrayan texiendo bexas
Clausuran a la mãs purpurea boca;
Y con baxos sussurros las abejas
A su fabrica ocultan prodigiosa;